



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 6, Nº 1, 2021, P. 162-177
ISSN: 2448-2390

Foucault e a atitude de modernidade: exigências para uma educação outra*

Foucault and the Attitude of Modernity: requirements for another education

DOI: <https://doi.org/10.20873/rpv6n1-90>

Roberta Liana Damasceno Costa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1579-5761>

Email: robertafilos@gmail.com

Resumo

O presente texto visa recorrer à interpretação do filósofo Michel Foucault sobre a Modernidade como atitude crítica e como tarefa filosófica para reivindicação de pensar uma educação outra. Essa alternativa está associada ao projeto de formação para a emancipação e a justiça social distante de um empresariamento das instituições e assujeitamento dos indivíduos. Como ponto de partida desta reflexão filosófica recorreremos a interrogação do filósofo ao pressupor ser a Modernidade uma atitude e não como um período da história, tal questionamento presente na conferência *O que é a Crítica?* de 1978 é a marca da atualidade da Modernidade elaborada por Immanuel Kant resgatada por Foucault. Dedicamos a escrita em abordar a concepção de crítica em Foucault como estratégia de questionamento e enfrentamento para pensar o presente como tensão, ação e transformação nos excessos de governo presentes na sociedade contemporânea, principalmente no campo da Educação. A suposição desenvolvida é a de que o sentido da crítica, entendida como a capacidade de interrogar a relação entre o poder, a verdade e seus efeitos sobre o sujeito. Para tanto a crítica se atualiza para a Educação como para os sujeitos, à medida que se age na direção de transformar as suas relações institucionais e consigo.

Palavras-chave

Atitude de Modernidade. Foucault. Educação. Filosofia.

* Este texto foi apresentado no “I Colóquio A Modernidade e seus Intérpretes”, realizado pelo Laboratório de Estudos Hegelianos (LEH/CNPq) e pelo Mestrado Acadêmico em Filosofia (MAF/UVA) nos dias 06, 07 e 08 de outubro de 2020.

Abstract

The following article resorts to the French philosopher Michel Foucault's interpretation of Modernity as a critical attitude and as a philosophical task to invite us to think another type of Education. This alternative is associated with the project of a formation for emancipation and social justice apart from the entrepreneurship of institutions and subjugation of individuals. As a starting point of this philosophical meditation, we turn to the interrogation of this philosopher in presupposing Modernity to be an attitude and not a time in History. Such interrogation is presented in the text of the conference *What is critique?*, from 1978, and is what marks the contemporariness of the conception of Modernity elaborated by Immanuel Kant and retrieved by Foucault. This essay is dedicated to approach Foucault's conception of critique, as a questioning and confronting strategy regarding the task of thinking present times as a tension, action and transformation of the abuses of government we can find in contemporary society, especially in the field of Education. The hypothesis developed is that the meaning of critique, understood as a capacity to interrogate the relations between power, truth and its effects on subjectivity. In order to do so, critique actualizes itself for Education as well as for the individuals as long as it acts toward the transformation of the institutional relationships with the individuals themselves.

Key-words

Attitude of Modernity. Foucault. Education. Philosophy.

*“É no problema da educação
que assenta o grande segredo
do aperfeiçoamento da
humanidade”.*
Immanuel Kant

Considerações iniciais

Pretendo antes de abrir caminho ou caminhos para nossas reflexões, realizar um agradecimento especial a todos que fazem parte do evento “I Colóquio A modernidade e seus intérpretes” e a tantos outros movimentos que estão promovendo diálogos constantes entre a Filosofia e demais áreas de conhecimento. Diante de todos os entraves que vivenciamos atualmente no Brasil não podemos deixar de reconhecer todos os esforços e mobilizações que estão sendo realizadas e por persistirem, em tempos difíceis de isolamento e desvalorização da Educação e seus atores (professores, alunos, pesquisadores etc.) e da própria Filosofia,

demonstram que estamos nos mobilizando para que as marcas a serem deixadas na história não tragam o esquecimento dessas mobilizações.

Acredito que esta atitude de mobilização promovida por esses eventos e seus atores sejam um recado, mesmo que não explícito, de que a Filosofia está disposta a travar uma constante guerrilha, como lembra Deleuze (1925-1995), e “a cada um de nós que, graças à Filosofia, encontra-se incessantemente em conversações e em guerrilha consigo mesmo” (DELEUZE, 1992). Por isso, precisamos e estamos ocupando espaços, sejam concretos (salas, praças, textos) ou mesmo virtuais. Essas ocupações são fundamentais para enfrentarmos as forças obscuras que tentam emudecer a Filosofia e retirar da Educação a possibilidade de construir um projeto de formação para a emancipação e a justiça social.

Diante disto, a proposta do texto é situar a interpretação do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) de um texto/artigo do filósofo prussiano Immanuel Kant (1725-1804). Importante salientar para os estudiosos do filósofo prussiano que Foucault promove um deslocamento interpretativo não só do que ele compreende ser a Modernidade, mas ressalta um traço específico no texto de Kant para a abordagem da *Aufklärung*.

O que venho construir no decorrer da escrita é, a partir da interpretação foucaultiana do texto *O Que é o Esclarecimento?* (1784) de Kant, a busca por reivindicar uma proposta de Educação com ares de Modernidade. Portanto, já anuncio que a Modernidade¹ será apresentada como atitude crítica, atitude esta motor para uma educação outra que não seja a do nosso tempo, alinhada ao projeto neoliberal globalizado de sociedade.

Sobre a modernidade como atitude crítica

Em acordo com a proposta do colóquio, apresentar o que é uma interpretação da modernidade exige para além do exercício de desvendar ou explicitar o sentido de uma ideia.

¹ A proposta de interpretação esboçada no texto não contempla a de compreender a Modernidade como um período histórico da filosofia influenciado pelo Iluminismo, em que o homem se reconhece como um ser autônomo, autossuficiente e universal. Compreender a Modernidade como atitude crítica não se restringe a constituição da autonomia movida pela crença de que, por meio da razão, o homem pode atuar sobre a natureza e a sociedade.

No entanto, ao nos colocar no lugar de intérpretes devemos *a priori*, esclarecer o que é uma interpretação da Modernidade, devemos nos colocar a seguinte interrogação, em vez de nos questionarmos o que é próprio da Modernidade, o que ela nos diz, tratar-se-ia de saber por que ainda insistimos em questionar o sentido da Modernidade.

A escolha pelo filósofo Michel Foucault pode ter ares de arbitrariedade, porém para não cair no autoritarismo de uma verdade interpretativa, insisto que o pacto com Foucault recai sobre a maneira como questionar a Modernidade está ligada a uma filiação ao modo como definimos nosso fazer filosofia. Como o próprio filósofo expõe, “não poderíamos encarar a Modernidade mais como uma atitude do que como um período da história? (FOUCAULT, 2005, p. 341). Por isso, Michel Foucault nos apresenta a atualidade da filosofia moderna como a tarefa de não só investigar o homem, o real, mas a sua reflexão sobre a atualidade do seu tempo.

Será em Kant, precisamente no texto *O Que é o Esclarecimento?* (1784) que Foucault compreende estar diante de uma questão crucial para definir a tarefa de sua filosofia. Encontra-se no projeto de modernidade de Kant um panorama de discussões sobre a sua época e seu tempo, uma vez que o modo como o homem conhece determina necessariamente o modo como pretende conhecer as coisas em si mesmas. Nessa direção sobre o conhecimento em sua verdade, a exigência explícita na Modernidade pelo autoconhecimento está dirigida à atualidade. Foucault, no entanto, interpreta essa exigência de conhecer o homem e as coisas como uma exigência de uma visão de mundo elaborada como verdade pela própria filosofia ocidental que se dirige ao homem, à razão até chegar a própria filosofia.

Ao pensar sobre essa exigência, que pode ser travestida como a formulação de uma verdade sobre o conhecimento seja do homem, do mundo e da própria realidade, Foucault exige uma tarefa para a própria filosofia, a saber, apresentar o modo como se manifestou na história do pensamento o aparecimento de discursos de verdade. Nas palavras de José Ternes tal exigência aparece pois,

Foucault é um autor tributário de uma tradição que erige o conceito, as questões, em objeto por excelência da filosofia, e Foucault faz, antes de tudo, história do pensamento. Interroga as condições que tornaram possível, nos mais de dois mil anos de cultura ocidental, a verdade ou, mais precisamente os modos mais diversos de aparecimento de discursos aceitos como verdadeiros. (TERNES, 2004, p. 156).

É esse o motivo que leva Foucault a realizar uma história do pensamento e fazer da História um método indispensável para compreender o lugar da temporalidade no processo de existência não só dos seres, mas também dos saberes, do pensamento, que são marcados pelo traço da temporalidade que é a finitude.

Se o próprio pensamento é finito, limitado, Ternes (2004, p. 157) vai dizer que “desde Kant, Nietzsche, os primeiros biólogos, a medicina *anátomo-patológica*, as novas físicas, a cultura ocidental tem consciência então que não há verdades absolutas, eternas. Que a verdade é nossa invenção”.

Saliento a importância para um ponto em que interpretações superficiais de críticas a Foucault e a seu pensamento, o acusam como negacionista, irracional ou relativista da verdade. Lembrem que Kant em sua célebre *Crítica da Razão Pura* expõe os limites para a possibilidade do conhecimento. Porém, não se trata aqui de interpretar o que é o conhecimento em Kant muito menos rebater às críticas a Foucault.

Aos críticos de Foucault, afirmo que este autor não está negando a verdade, a razão, mas sim, colocando em questão o fato que pode parecer para muitos uma tragédia, que a verdade não existe fora das suas condições de produção. Para Foucault, a verdade não existe fora do poder, ela é produzida graças a múltiplas coerções e nelas produz efeitos regulamentadores de poder. Foucault é o pensador do poder.

Nas palavras de Foucault,

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sanciona uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2005, p. 12).

Vemos em Foucault a verdade entrar no domínio da política. Como investigador das sociedades modernas ocidentais, Foucault compreende, em resumo, que nessas sociedades a economia política da verdade possui cinco características: a) a produção da verdade está ligada à forma do discurso científico e às suas instituições; b) a verdade está em constante incitação econômica e política; c) a verdade é objeto de imensa difusão e consumo, já que, circula nos

aparelhos de Educação e informação; d) é transmitida predominantemente sob controle de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos, como a universidade, exército, escrituras e meios de comunicação; e) a verdade, por fim, é objeto de debate político e confronto social.

Até o presente momento este escrito nos traz por um caminho que apresenta a proposta interpretativa do problema da verdade em Foucault. E Kant? E a interpretação de Foucault sobre a Modernidade? Por que se persiste em perguntar pela Modernidade?

É aqui que afirmo que Foucault vai filiar a sua filosofia a um movimento de questionar o presente. Foucault (1978) ressalta que a Filosofia tem uma tarefa que é “o que acontece atualmente? O que somos nós, nós que talvez não sejamos nada mais e nada além daquilo que acontece atualmente?”

Foucault desloca a compreensão de uma tarefa filosófica, distante da percepção da filosofia clássica, que era definida como “busca pela verdade”. Será com a concepção de que a filosofia deve se preocupar com o tempo presente, que Foucault encontra no texto de Kant de 1784, “Resposta à Pergunta: o que é o Esclarecimento?”, o marco de uma maneira de fazer filosofia ligada à atitude crítica, como uma retomada das tradições das Luzes, signo da Modernidade.

Devo alertar aos leitores que Foucault faz as suas interpretações à moda de Foucault, no entanto um esclarecimento/observação se faz pertinente, a de que a questão da *Aufklärung* em Foucault não perpassa pela via do conhecimento (o que os intérpretes mais filiados à tradição analítica da verdade buscam estabelecer pelas condições formais do conhecimento possível), mas sim retomar a questão da *Aufklärung* pela via do poder².

No artigo, publicado em 1984, “O que são as Luzes?”, Michel Foucault retoma o trabalho publicado por Immanuel Kant em 1784, quando o filósofo respondia a seguinte pergunta: O que são as luzes ou o que é esclarecimento? (*Was ist Aufklärung?*). Ao apropriar-se do texto de Kant, faz dele uma ferramenta de leitura para colocar na mesa de debate dos temas da filosofia a questão do governo. Outra observação, o filósofo não hierarquiza os temas de Filosofia, ele

² A interpretação pela via do poder está relacionada com a concepção de uma leitura estabelecida por Foucault em que consiste em compreender que o poder “é luta, confronto, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. (MACHADO, 2010, p. XV).

produz deslocamentos no interior das discussões – vale lembrar, em uma entrevista em Louvain ao professor André Berten no ano de 1981³, Foucault reafirma que uma entre tantas atividades da filosofia está em questionar o presente, o que somos e como nos constituímos o que nos lembra questões levantadas por Kant que perpassam toda a exposição das Críticas – o que posso conhecer? O que devo fazer? O que devo esperar? Foucault também fará um deslocamento dessas questões kantianas para a questão da *Aufklärung*.

De agora então, farei uma menção a dois textos dedicados ao texto jornalístico de Kant *Resposta a uma questão: O Que é o Esclarecimento?* que são a conferência de 1978, *O que é a crítica?* e o texto publicado em 1984 *O que são as Luzes?*

Qual é então o lugar dado por Foucault à *Aufklärung*, ele diz sobre o texto de Kant

[...] me parece que, com ele, entra discretamente na história do pensamento uma questão que a filosofia moderna não foi capaz de responder, mas da qual ela nunca conseguiu se desembaraçar (...) não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com essa questão. Qual é então esse acontecimento a que se chama *Aufklärung* e que determinou pelo menos em parte, o que somos, pensamos e fazemos hoje? (FOUCAULT, SD-1978, p. 28).

Foucault se detém em mostrar razões que justifique a singularidade do texto de Kant na interpretação do filósofo; *Was ist Aufklärung?* traz uma interrogação do tempo presente como uma hermenêutica da história, buscando identificar os sinais de um acontecimento iminente. A interrogação do tempo presente anuncia um destino comum (deve ser encarado como uma tarefa para todos e a interrogação é colocada por Kant como uma saída”), uma solução, diz o filósofo, no texto sobre *Aufklärung*, “a questão se refere à pura atualidade. Ela não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura” (FOUCAULT, 2013-1984, p. 353).

Kant nos aponta a saída para a questão do tempo presente: a saída é a *Aufklärung*, é a libertação do estado de menoridade. Menoridade para Kant é um certo estado da nossa da vontade que nos faz aceitar a autoridade de outro para nos conduzir em domínios que convém fazer uso da razão. Foucault, ao analisar esse pequeno texto/artigo de Kant, enfatiza a sua

³ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=yO_F4IH-VqM.

relação existente com as três críticas. “Já que Kant descreve a *Aufklärung* como o momento em que a humanidade fará uso de sua própria razão, sem submeter-se a nenhuma autoridade; ora, é precisamente nesse momento que a Crítica é necessária” (FOUCAULT, 2013-1984, p. 357).

Neste sentido Foucault fala da Crítica,

[...] se a crítica tem como papel definir as condições nas quais o uso da razão é legítimo para determinar o que se pode conhecer, o que é preciso fazer e o que é permitido esperar, será um uso ilegítimo da razão que faz nascer com a ilusão, o dogmatismo e a heteronomia (FOUCAULT 2013-1984, p. 357).

Apenas quando o uso da razão for legítimo é alcançada a segurança da autonomia, portanto, a Crítica é a razão tornada maior na *Aufklärung*, na interpretação foucaultiana de Kant, a *Aufklärung* é a era da *Aufklärung*.

Na própria reflexão que Kant traz sobre o seu tempo e sobre a atualidade de seu trabalho, Foucault sustenta o caráter especial de Kant por inaugurar, nesse texto, o esboço do ‘que se poderia chamar de atitude da modernidade’. Ao tornar público o seu texto, Kant, nas palavras de Foucault,

me parece que é a primeira vez que um filósofo liga assim, de maneira estreita e do interior, a significação de sua obra em relação ao conhecimento, a uma reflexão sobre a história e a uma análise particular do momento singular em que ele escreve e em função do qual ele escreve. (FOUCAULT, 2013-1984, p. 357).

Para Foucault, a novidade do artigo de Kant é a reflexão sobre a “atualidade” como uma diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica singular. No desenvolvimento da Crítica temos o que Foucault chama de atitude de modernidade, essa é a tarefa.

O que é então a Modernidade? Foucault propõe uma leitura em que a define como uma atitude, uma disposição, não como um período da história. Cito Foucault,

Por atitude quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns, enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de *éthos* (FOUCAULT, 1984, p. 358).

Foucault afirma que a “atitude de modernidade” que marca o ser moderno não é simplesmente uma forma de relação com o presente, mas um modo de estabelecer uma relação consigo mesmo, nas palavras de Baudelaire por Foucault: “o homem moderno não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e suas verdades escondidas; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo”. (FOUCAULT, 2013-1984, p. 361).

Para Foucault, é próprio da *Aufklärung* problematizar filosoficamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo. É nessa constituição que o filósofo francês resgata a retomada da questão da *Aufklärung* pela via do governo. É preciso então fazer pesquisa histórica através dos acontecimentos que nos levam a nos constituir e a nos reconhecer como sujeitos do que fazemos, pensamos e dizemos (FOUCAULT, 1984, p. 340)

Na conferência de 1978, Foucault narra a questão da emergência da arte de governar os homens no século XVI, retomando o tema do governo, já em desenvolvimento em seus cursos no Collège de France, especialmente em *Segurança, Território, População*. Essa questão se insere dentro de sua análise sobre o poder pastoral, que se ocupava de desenvolver suas formas/técnicas de governo pautada na ideia de que cada indivíduo, quaisquer que sejam sua idade, lugar social, de uma parte a outra da vida, até nos detalhes de suas ações, devia ser governado e devia se deixar governar por alguém que o liga numa relação global e, ao mesmo tempo, meticulosa, detalhada, de obediência (FOUCAULT, 1978, p. 2).

Foucault chamou esse movimento de condução das condutas de governamentalização; esse movimento tinha como objetivo sujeitar o indivíduo por mecanismos de poder. E como realizar uma tarefa de saída dessa situação de sujeição? Nas palavras de Foucault, “a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder, e o poder sobre os seus discursos de verdade. A crítica será a arte da inservidão voluntária, da indocilidade refletida” (FOUCAULT, SD-1978, p. 5).

A crítica tem como forma, segundo Foucault, a de desassujeitamento. Como argumenta Candiottto, Foucault insere à crítica a questão do governo pois, se até o presente momento da história do pensamento, desenvolveu-se uma noção de governo sem nenhuma relação a atitude

crítica, as resistências dos sujeitos que se opõem a este governo podem deixar à margem a questão da crítica e a constituição de uma rejeição ao modo de ser governado. Neste caso,

O verbo governar não se referia à administração estatal e territorial; pelo contrário, tratava-se tanto da arte de conduzir alguém como também de seu contrário, qual seja conduzir-se diferentemente àquela condução, resistindo-lhe mediante uma contra-conduta. Nas sociedades que são ainda as nossas, constituem modalidades de resistência não tanto à dominação política ou à exploração econômica, mas ao governo da individualização posto em prática no Ocidente pela primeira vez por meio da tecnologia pastoral cristã e suas exigências de obediência integral, de verbalização infinita e de extração da verdade do sujeito. (CANDIOTTO, 2006, p. 71).

Portanto, quando Kant fala que a menoridade é um estado em que a humanidade está autoritariamente mantida através de um excesso de autoridade e por outro lado por uma falta de decisão e de coragem, a crítica é a atitude de colocar em questão o governo dos homens, entendido como o conjunto dos efeitos da verdade e do poder, e isso na forma de um combate que, a partir de uma decisão individual, dá a si o objetivo de salvar a todos.

Retomo o que inicialmente aponte sobre a filosofia como guerrilha, como essa transgressão dos limites impostos. Foucault é certo que politiza a filosofia ao explicar uma vez que, ao se pensar na questão dos limites da razão, ou de investigação sobre os modos históricos de conhecer, o filósofo volta sua procura

então, não em saber o que é verdadeiro ou falso, fundado ou não, real ou ilusório, científico ou ideológico, legítimo ou abusivo. Procuramos saber quais são os elos, quais são as conexões que podem ser assinaladas entre os mecanismos de coerção e elementos de conhecimento, quais jogos de reenvio e apoio se desenvolvem de uns aos outros, o que faz com que tal procedimento de coerção adquira a forma e as justificações próprias de um elemento racional, calculado, tecnicamente eficaz etc. (FOUCAULT, SD-1978, p. 14).

O que interessa para Foucault é analisar como, através da produção de saberes e relações de poder, se constituiu tecnologias e mecanismos de governo capazes de produzir efeitos de sujeição ou desassujeitamento. No entanto, o projeto crítico da *Aufklärung* retoma não só o problema da atualidade, como vimos, mas também um questionamento em que a atitude crítica aparece ligada à seguinte perspectiva: como não aceitar ser conduzido, como não aceitar ser governado, não por esses meios, nem por esses fins, nem por esses agentes.

A meu ver, o olhar especial faz-se necessário ao texto de Kant e, da interpretação que faz dele, Foucault, é o fato de nos colocar diretamente ligados ao nosso tempo presente, e se na filosofia está inserida, dentre as suas tarefas, um movimento de questionar o presente e esta tarefa nos afronta com as seguintes perguntas: Como chegamos a aceitar normalizar sermos governados por uma racionalidade político-econômica que é do nosso tempo, que chamamos de neoliberalismo? Como estamos a pensar uma investigação sobre nossos tempos ainda presos a análises que se instauram entre o verdadeiro e o falso, o legítimo e o ilegítimo, o racional e o irracional, ao invés de buscar as condições de emergência de determinados enunciados que condicionam a relação destes com um status de verdade.

Gostaria, a partir desta exposição, de usar Kant e Foucault, mas ciente do lugar que ocupo na produção dos regimes de verdade na sociedade, uma vez que estou como professora universitária falando através de uma instituição e de seus mecanismos de difusão da verdade (textos e conferências), que a Educação, no seu campo institucional, ainda é um possível campo de batalha para enfrentarmos seus mecanismos de governo que nos sujeitam aos domínios de conservadorismos opressores, dos negacionismos dogmáticos.

Acredito que a Educação ainda é uma possível saída, lugar de batalha e é preciso nos ocuparmos dela uma vez que, para Kant, pelas palavras da professora Cristiane Marinho, a Educação é de fundamental importância no progresso da humanidade, e que “o projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-lo de imediato, pois a tarefa educacional é coletiva e se estende como trabalho de gerações” (MARINHO, 2015, p. 221).

Se a autonomia é constituída através da educação segundo Kant, é preciso fazer aqui referência aos estudos foucaultianos que apontam as instituições como escolas, universidades etc. como produtoras de saberes-poderes que se constituem em formas de dominação. Pensar sobre um projeto de educação que seja capaz de constituir subjetividades ‘autônomas’ é o exercício lançado, o desafio de olhar o contexto presente no qual estamos inseridos e ao qual precisamos enfrentar.

Sobre considerações que problematizam a reivindicação por uma educação outra

Para Foucault, a função do intelectual e, no meu entendimento, da Educação seria de lutar contra as formas de poder em todos os seus pontos de aplicação, denunciando o intolerável, os excessos, a exclusão, os apagamentos, as injustiças epistêmicas e sociais.

Vivenciamos em nossa atualidade o empresariamento da educação e a formação para o empreendedorismo. Esse acontecimento está atrelado às críticas à Educação, de uma forma geral, e a instituição escolar em específico. São as bases dessas críticas, a divulgação de discursos sobre a ineficácia dos sistemas educacionais diante do fenômeno do desemprego nas sociedades, como também um levante de reivindicações que clamam por inovação e reinvenção contínua dos atores educacionais, dos indivíduos e da própria proposta de estrutura social.

A emergência destes discursos, tomados como verdades, possui raízes históricas, e devem ser creditadas ao desejo liberal⁴ que, ao exigir eficiência e inovação das instituições sociais, no caso das instituições de ensino, estas devem compreender que “na cultura de mercado, a emancipação pelo conhecimento-velha herança do Iluminismo-é vista como ideia obsoleta.” (LAVAL, 2019, p. 15).

Percebe-se em movimento um processo de transformação por parte da cultura de mercado que acredita na formação dos indivíduos baseada na satisfação dos usuários, do cliente ou do consumidor, que fará dos conteúdos ministrados nas instituições de ensino instrumentos que os preparem para o desenvolvimento de suas habilidades e competências para enfim encararem os desafios da concorrência no mundo contemporâneo. Daí percebemos que a exigência de transformação vai além de uma reforma institucional do ensino ou da escola,

⁴ Para compreendermos essa expressão “desejo liberal” recorreremos aos estudos realizados pelo filósofo francês Michel Foucault no seu curso “Nascimento da biopolítica”, pois comparamos esse desejo ao que Foucault se propôs a delimitar como “a arte de governar, isto é, a maneira pensada de governar o melhor possível e também, ao mesmo tempo, a reflexão sobre a melhor maneira possível de governar” (FOUCAULT, 2008, p. 4). Essa nova arte de governar, nomeada liberalismo, se caracterizaria pela limitação no exercício do poder de governar. Portanto, o liberalismo será na compreensão foucaultiana mais do que regime garantidor de uma incondicional liberdade, uma forma de governo que facilita um engajamento subjetivo dos indivíduos/consumidores para que ele de fato funcione em todos os âmbitos (econômico, político, social). Será através dos engajamentos subjetivos que o desejo liberal de eficiência, inovação e reinvenção das instituições da sociedade colaboram para que sejam garantidas certas liberdades como liberdade de mercado, propriedade, circulação etc. Em resumo o liberalismo é essa nova forma de governar que produz, organiza e gerencia as liberdades sociais.

mas sim uma nova reestruturação social e de seus indivíduos que substitui a concepção republicana de educação e escola, voltadas à emancipação pelo conhecimento – a formação do cidadão- pela escola que,

considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico. Não é a sociedade que garante o direito à cultura a seus membros, são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. (LAVAL, 2019, p. 17).

Garantir sua formação é tarefa do indivíduo, será de sua inteira responsabilidade, o que é visto como exercício da liberdade na perspectiva da escola neoliberal, uma vez que o mercado se constitui como lugar de formação de verdade. Ao se constituir como lugar da verdade, o mercado no campo educacional será o lugar de produção de saber, ganhando a força de um dispositivo político, pensado pelo filósofo Michel Foucault, como máquina de produção de discursos como peças de saberes verdadeiros, uma vez que ao ser essa peça de engrenagem de produção de saberes “o torna imanente e indissociável da ação de mecanismo de poder” (GADELHA, 2009, p. 140).

Como mecanismo de poder, o mercado internaliza nas instituições educacionais a valorização da concorrência como edifício a ser superado pelos alunos e já no final do século XX, a reconfiguração do papel do Estado e a emergência do capital humano e do empreendedorismo como valores sociais vão modificar as relações desses sujeitos entre si e consigo mesmos. O que vai movimentar a concorrência não é mais a lógica da igualdade, mas a capacidade constante de diferenciação, compreendida a partir de um processo de escolhas que os sujeitos fazem, implicando, sobretudo, investimentos em si mesmos.

Dessa lógica nasce a figura do *empreendedor de si*, indivíduo este que ao ser formado para o desenvolvimento de suas habilidades e competências internalizará a sua existência como um modelo de empresa, portanto o indivíduo/empresa vai na visão foucaultiana,

desdobrar o modelo econômico, o modelo oferta e procura, modelo investimento-custo-lucro, para dele fazer um modelo das relações sociais, um modelo da existência, uma forma de relação consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família. (FOUCAULT, 2008, p. 332).

A figura do *empreendedor de si* nada mais é que a generalização da forma econômica do mercado incorporada na sociedade a nível individual. O empreendedor de si no âmbito educacional será aquele que portará um tipo de conhecimento,

diretamente utilizável no mercado, relacionado às circunstâncias de tempo e lugar – o conhecimento que se refere não ao porquê, mas ao quanto; o conhecimento que um indivíduo pode adquirir em sua prática, e cujo valor só ele pode avaliar; o conhecimento que ele pode utilizar de maneira proveitosa para vencer os outros na competição. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 143).

Se a arquitetura institucional da empresa e seus efeitos nas formas de condução das ações dos sujeitos trabalhadores expandiu-se para as relações estabelecidas em outros âmbitos da sociedade, vimos que a nova individualidade idealizada, o *empreendedor de si*, exige que este mesmo adquira novas capacitações modificando constantemente sua base de conhecimento, atravessado pelas relações estabelecidas consigo próprios e com os demais. O mercado moldará tais relações, e no campo educacional não basta revitalizar a ideia republicana de formação para o desenvolvimento das capacidades humanas, a política neoliberal para instituições educacionais espera que a formação esteja voltada para as seguintes exigências de uma formação competitiva pois,

A inovação e o empreendedorismo passam a ser imperativos do nosso tempo, pois possibilitam que o jogo neoliberal funcione a partir da maximização da produtividade dos sujeitos e das instituições. Perder e recomeçar faz parte do jogo; ficar parado significa ser deixado para trás; ter a formação mínima e ou máxima não é sinônimo de empregabilidade. A própria relação com o emprego modifica-se, pois, a ideia é a do empresariamento de si e da capitalização do homem, ou seja, é preciso ver a si mesmo como um capital que requer investimentos permanentes, e a educação passa a ser entendida como algo necessário ao longo de toda a vida. (KLAUS, 2017, p. 347-348).

É preciso que compreendamos que a relação entre educação, formação e empresa tem uma finalidade crucial que é formar sujeitos empreendedores capazes de agir em cenários flexíveis e instáveis, pois uma vez que o mercado o desafia a exercer sua “liberdade de escolha”, mesmo esta regulada por uma lógica neoliberal, o empreendedor de si deve mobilizar-se pelo jogo da concorrência, que será um processo de individualização e responsabilização permanentes.

A tarefa da atualidade direcionada ao educador, ao filósofo é fazer emergir novos saberes e novas estratégias de poder que potencializem a criação de uma nova racionalidade de governo que produza enfrentamentos ao governo neoliberal. Será pela audácia da *Aufklärung*, resgatada por Foucault de impor limites ao poder e saberes que assujeitam e desqualificam os indivíduos pelos seus regimes de verdade, constituiremos o exercer da atitude limite que transgrida e trava uma luta marcada pelas transversalidades das vozes ocultadas.

É preciso transpor os limites dos currículos educacionais pautados apenas numa proposta de sociedade que atende aos governos neoliberais, é preciso a atitude crítica da modernidade que, antes de ser motivada pela decisão de despertar por uma coragem, deve ser antecedida, nas palavras de José Ternes (2004, p. 167), “por um despertar pelo medo, o pavor do desaparecimento do pensamento e da possibilidade mesma de pensar”.

Referências bibliográficas

- CANDIOTTO, C. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação**, v. 29, n. 2, 2006, p. 65-78.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. M. Echelar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. P. Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. O que são as luzes? (1984). In: **Ditos e escritos II**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Trad. E. Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. L. Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FOUCAULT, M. O que é a Crítica? [Crítica e *Aufklärung*]. Qu'est-ce que la critique? **Critique et Aufklärung**. Bulletin de la Société française de philosophie, v. 82, n. 2, 1990, p. 35-63. Trad. G. Borges. Acesso: Espaço Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault.pdf.
- GADELHA, S. **Biopolítica, Governamentalidade e Educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KLAUS, V. Empresariamento da educação em tempos de capitalismo flexível: análise de parcerias escola/empresa no RS. **Educação Unisinos**, vol. 21, n. 3 2017, p. 345-355.
- LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. Trad. M. Echelar. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. VII -XXIII.
- MARINHO, C. **Pensamento pós-moderno e educação na crise estrutural do capital**. Fortaleza: EDUECE, 2015.

TERNES, J. Foucault e a Educação: em defesa do pensamento. **Educação & Realidade**, v. 29, 2004, p. 155-168.

Recebido em: 17/11/2020

Aprovado em: 27/2/2021

Roberta Liana Damasceno Costa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2005). Desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia da Educação, Ensino de Filosofia, Filosofia Política e Ética nos seguintes temas: biopolítica, teorias do poder, teorias do Estado, governamentalidade, neoliberalismo, gênero, ética e liberdade. Membro dos Coletivos de Filósofas: Filósofas na rede e Yebá Beló. Atualmente é professora substituta do Departamento de Fundamentos da Educação na UFPI.